

**P O V O**

**ALGARVIO** *Semanário Regionalista*



Director, Editor e Proprietário  
**Manuel Virgínio Pires**  
Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA  
Composição e Impressão  
Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telefone 266 - TAVIRA

# SALAZAR

## falou à Nação e ao Mundo

**S**ALAZAR acaba de escrever um magistral discurso que foi lido na Assembleia Nacional no passado dia 3 do corrente.

Foi uma das mais belas lições de patriotismo que o grande Mestre português acaba de dar à Nação e ao Mundo, um verdadeiro documento histórico pelas suas desassombradas afirmações.

O nosso modesto espaço não permite publicá-lo na íntegra mas há passagens que merecem ser transcritas, ou melhor, decoradas, como esta, ao referir-se à nossa velha aliada:

«Deve considerar-se intolerável à educação e à moral individual dos britânicos que a Inglaterra venha a ver-se aumentada, no mínimo que seja, através da Comunidade, com pedaços de território roubados ao seu mais antigo aliado».

E sobre Goa disse:

«O que o Estado da Índia representava e continua a representar para a Nação Portuguesa não pode medir-se pela pequenez do território a que ficou ligado e pela altura da missão que aí levou os portugueses.»

E sobre a atitude tomada pelos Estados Unidos, o Presidente do Conselho disse:

«Os Estados Unidos foram elevados ao mais alto nível entre as nações e havidos como expressão superior e guia do que consideramos o mundo livre. O que a todos nos importa é saber se, ocupando o lugar, também estão dispostos a desem-



penhar a função.»

E em referência à Espanha afirmou:

«E' de justiça pôr a Espanha em primeiro lugar, muito em primeiro lugar, por si e junto dos países Sul-Americanos seus amigos, como merecedora da nossa gratidão.»

Nessa memorável sessão Salazar, numa passagem da sua brilhante e inteligente exposição, exclamou: «E' lícito perguntar o que estamos nós a fazer na O.N.U. ou o que estão ali a fazer os que, não sendo grandes potências, não dispõem do favor russo ou, por causa da sua solidariedade com o Ocidente, atraem a aberta hostilidade do bloco anti-occidental.»

Até hoje, não nos lembra que um estadista português tenha falado ao mundo com tamanha dignidade e desassombro. Quebram-se frágeis amizades, rasgam-se tratados ambiciosos mas a dignidade e grandeza dum raça de heróis jamais se quebrará, porque Portugal será eterno.

## O Bispo do Algarve visitou Tavira

Conforme noticiámos, deslocou-se a esta cidade, no passado dia 31, em visita pastoral, S. Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo da nossa Diocese.

Pelas 10 horas chegou ao limite do concelho, onde era aguardado pelos srs. Presidente da Câmara Municipal e ilustre Deputado Dr. Jorge Correia, presidente da União Nacional, comandantes da Guarda Fiscal e da G. N.R., Capitão do Porto, Delegado Escolar, Director da Escola Técnica, Rev. Pároco e demais entidades civis e militares.

Após os cumprimentos dirigiu-se o cortejo de automóveis para a cidade, onde S. Ex.ª Rev.ª era esperado na igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, tendo aí recebido as homenagens dos irmãos terceiros e dos fiéis. Num dos salões desta igreja, em reunião mais íntima, o sr. Presidente do Município usou da palavra para saudar, em nome da cidade, o ilustre visitante, o qual depois agradeceu.



## Por terras do Algarve

O «Povo Algarvio» inicia hoje nas suas colunas a publicação de «Ensaio de História e Arqueologia — Origem dos topónimos das freguesias do concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios», num excelente trabalho firmado pela pena brilhante do ilustre algarvio sr. Dr. José Fernandes

Devida à chuva, o cortejo teve que seguir de automóveis para a igreja de Santa Maria do Castelo, onde o sr. Bispo foi recebido por um grupo de rapazes do Corpo Nacional de Escutas e muito povo. A igreja estava evidentemente engalanada para tão solene visita, cargo este a que se dedicou uma comissão constituída pelas mais distintas senhoras da cidade.

Após o cerimonial litúrgico, o Venerando Antífite entrou

Continua na 3.ª página

## Subdelegação em Tavira

da  
**Aliança Francesa de Faro**

**V**AI ser criada em Tavira uma Subdelegação da Aliança Francesa, devendo deslocar-se a esta cidade três vezes por semana Mle. Monique Dupuis, distinta professora de literatura portuguesa na Sorbone.

Registamos com muito júbilo esta deliberação tomada pela Delegação da Aliança Francesa de Faro, que muito virá contribuir para a elevação do nível cultural da cidade.

Resta-nos informar que foi eleito presidente da Aliança Francesa de Faro, o nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo sr. Dr. Carlos Costa Picoito, distinto advogado naquela cidade.

Podemos também esclarecer os interessados ou interessadas que desejem inscrever-se no curso de língua francesa que poderão fazê-lo na Redacção do nosso jornal.

Logo que se iniciem as lições informamos os nossos leitores.



Dr. J. Fernandes Mascarenhas

Mascarenhas, a quem já a sua e nossa província muito deve pelos seus trabalhos de investigação histórica e arqueológica.

Espírito culto, criterioso e sabedor, tem-se dedicado desde muito novo ao estudo histórico não só da sua terra natal como a tantos outros que se ligam ao Algarve.

Tem dado à estampa algumas obras de merecido relevo histórico e arqueológico e aproveitando os momentos disponíveis das suas actividades ofi-

Continua na 3.ª página

## Muro-cais de Cabanas

Proseguem com grande intensidade os trabalhos de construção do muro-cais da povoação de Cabanas.

Oxalá a obra se conclua com a maior brevidade possível, pondo assim termo às investidas do mar, em dias de vendaval, naquela laboriosa povoação.

## Casa do Povo de Conceição

Iniciaram-se os trabalhos de remodelação e ampliação do edifício da Casa do Povo de Conceição, obra que foi adjudicada e que estará concluída dentro dos prazos estabelecidos no contrato.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

## Solução dos problemas sociais através do Corporativismo

**A**O criar-se em Setembro de 1933 o Estado Corporativo visou-se realizar-se a paz social pelo equilíbrio entre os direitos do Capital e do Trabalho.

Anti-comunista mas anti-capitalista também, o Corporativismo funda-se na certeza de que os interesses legítimos desses dois elementos fundamentais da produção são conciliáveis e ajustáveis e que ambos eles desempenham, na vida das empresas e das Nações, uma função social igualmente digna e merecedora de protecção.

O Corporativismo opõe-se, por isso, à luta de classe e

Continua na 2.ª página

## TROVA

É tão linda a tua imagem,  
Que tão linda nunca vi...  
É preciso ter coragem  
Quando me afastas de ti!

Isidoro Pires

# Ficam nas bases?

QUANDO escrevemos o nosso último artigo neste Jornal, ainda se não havia dado a anexação de Goa, Damão e Dio, pelo sr. Nehru.

Então nesse artigo, onde eu dizia que era sempre com repulsa que falava no nome desse *pandita*, estávamos para publicar alguns adjectivos adicionados ao nome desse sujeitinho.

Agora, e embora o faça não só com ódio e nojo, sou obrigado a falar nesse velhaco, nos nossos amigos de Peniche e nessa ONU.

Portugal continua de luto, porque esse não sei quê, miseravelmente, como é o seu sentir, avassalou os nossos territórios e passando não só sobre todas as leis internacionais mas também as humanas, metralhou, arrasou, saqueou, e para que o Mundo não visse o que fazia, e não o classificasse melhor, não deixou que a Imprensa Rádio e Televisão estivessem presentes na Roma do Oriente.

E isto passou-se agora. Neste século XX, onde cada dia que passa a legislação e os legisladores aumentam. — E para que servirá tanta legislação e tantos trata-los, se afinal a Lei é só para aquele, que do coração a cumpre! Os que são miseráveis, desumanos e os ladrões que anexam a casa alheia, esses não ligam à Lei, nem há quem os faça ligar. E mesmo os tratados e as amizades só servem para a ocasião em que nada deles se precisa. Só dizem que deploram, que lastimam, mas não aparecem em campo mostrando que a velha amizade ainda prevalece. É claro alegam então que se não podem voltar contra o ladrão, porque ele é da família.

O que nos resta e nos consola, mesmo assim, no meio desta nossa grande dor, é que mesmo nessa

«Ó cínica Inglaterra, ó bebida impudente, que tens levado tu, ao negro e a escravidão? Chitas e hipocrisia, evangelho e aguardente, Reportando por todo o negro continente! A mortalha de Cristo em tangas de algodão.»

isto dizia Guerra Junqueiro, ao tempo em que nos perseguiram em África, ainda agora aparecem ingleses bons e patrióticos, que dizem ter desgosto de serem dali naturais e que recordam que se não fosse a velha aliança, na sua ilha teria havido fome e miséria, se Portugal não lhes desse, então, as bases nos Açores. E não esquecem que Portugal, poderia ter sido nessa data atacado pelos alemães. Isto dizem muitos e muitos dos ingleses que são Amigos com a grande. Parece-nos que se deveria ver até que ponto eles, os outros, sabem o que é amizade. Se não souberem o seu significado, então corta-se-lha, e depois já se não estranha, porque não somos da família.

Depois, também, os outros, aqueles que ficam para os lados das terras onde vem o bacalhau, e onde se encontram instaladas umas certas desorganizações, que só servem para sugar o sangue dos Povos, logo que lhes bate à porta algum pé descalço ou ladrão, como o caso dos dois salvadores de Cabo Verde e Guiné, que como é do conhecimento público são dois gatunos fugidos à acção da Justiça, isto para não falar no Holden Roberto, outro ladrão, logo se sentam na banca, e desde que digam mal de quem lhes cedeu as bases, logo encontram cama mesa e roupa lavada.

É claro que só se fala nos salvadores, não se fala nessas novas mas mesquinhas repúblicas, que estão sempre ao lado umas das outras e onde o mestre é o *tamanqueiro*. Parece-nos que se devia prever que sendo esses *civilizados*, em tão grande número, os países do outro lado ficam sempre em minoria quando se trata do veto. Quanto a estas organizações, o melhor seria deixá-las. Que falassem só uns com os

por José Rebelo

## EM LOULÉ

realiza-se hoje a distribuição dos prémios escolares

Realiza-se hoje, em Loulé, a distribuição dos prémios escolares concedidos pelo Município aos melhores estudantes louletanos.

Antecederá o acto uma palestra sobre «Ensino e Valorização», pelo sr. Eng. Joaquim Laginha Serafim, distinto investigador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Alunos premiados em 1961: João Calção Grosso, 3.º ano da Faculdade de Ciências, Prémio Salazar; Guilherme José Lopes Pintassilgo, finalista do 2.º Ciclo do Liceu, Prémio Duarte Pacheco; Geni Maria Duarte Cavaco, finalista do 1.º Ciclo liceal, Prémio Cândido Guerreiro; António José Cavaco Carrilho, 3.º ano de Filosofia (8.º ano do Seminário), Prémio Mons. Freitas Barros; Estefânia Maria Gonçalves Madeira, finalista do Curso do Magistério Primário, Prémio D. Ermelinda Aboim; Jaqueline dos Santos Simões, 2.º ano do Ciclo Preparatório da Escola Industrial e Comercial de Loulé, Prémio Pintor José Joaquim Rasquinho; Maria Julieta Barros Rosário, Instrução Primária, Prémio Cabrita da Silva.

A sessão solene será encerrada pelo sr. Governador Civil.

Felicitemos a Câmara de Loulé pela brilhante iniciativa que muito estimula o ensino.

## Uma taviense centenária

A sr.ª D. Maria de Jesus Machado, natural de Tavira, completou no passado dia 1 de Janeiro, a bonita idade de 100 anos, pois nasceu em 11/1/1861.

A simpática velhinha, que goza de excelente saúde, teve o prazer de reunir à sua volta, no seu modesto lar, na velha Rua da Asseca, cerca de 30 familiares que com muito júbilo comemoraram o feliz aniversário.

É mãe do sr. Tenente João da Conceição Machado, residente em Faro, que com prazer veio também assistir à festa.

Cem anos representa uma grande distância percorrida no caminho íngreme da vida e a sr.ª D. Maria de Jesus Machado, indiferente aos malefícios da bomba atómica há-de contar muitos anos mais para glória da gente taviense que hoje se honra de contar com uma das pessoas mais antigas do Algarve.

outros. Nós, não nos poderíamos lá defender, é certo, mas ganhava-se muito dinheiro. Era menos esse que eles comiam. Não esqueçamos que os soldados de *capacete azul*, que o *pandilha* tem mandado para o Congo ex-Belga, vão acompanhadas suas caras metades. Quer dizer que se mudam logo com armas e bagagens. E quem paga? É claro é a ONU. E quem contribui para essa desorganização?...

Parece-nos que é chegada a ocasião de se reverem os tratados, as cedências e os encargos com certas organizações. Se servem e nos servem ficam, em caso contrário, e como a voz do Povo é voz de Deus faz-se como ele diz — *deixa da mão*, pois amor com amor se paga.

## Solução dos problemas sociais

através do Corporativismo

Continuação da 1.ª Página

substituí-a pela colaboração, pelo entendimento recíproco, com sujeição permanente de todos aos fins supremos dos interesses portugueses. Ao mesmo tempo, respeita os benefícios da iniciativa privada e combate para que o trabalhador tenha sempre, *como direito mínimo*, a de receber remuneração que lhe permita não só ocorrer às suas necessidades e às da sua família como também ir tendo um nível de vida progressivamente melhor.

Baseado, portanto em tal princípio de justiça, o Corporativismo português adopta o contracto colectivo de trabalho. Este é, no campo social, o tipo perfeito da política corporativa. Nele, em pé de igualdade, patrões e operários fixam, a bem dizer, todas as condições de prestação de serviços e de exercício da actividade.

Fiel aos seus princípios de colaboração nacional, o Corporativismo não reconhece aos operários o direito à greve. Mas, por motivo semelhante, tira igualmente às empresas o direito ao «lock-out» ou despedimento em massa (réplica que o Capitalismo inventou como arma contra as suspensões massivas de trabalho) e permite ao Estado intervir, coactivamente, sempre que a incompreensão impeça a regulamentação contratual das relações entre patrões e trabalhadores. São para estes casos os despachos de salários mínimos, as portarias fixando as condições de exercício de certos actividades profissionais e a possibilidade de ampliação pelo Estado, das medidas de protecção social.

Isto significa que a Organização Corporativa, embora reconhecendo as representantes do Capital e do Trabalho o principal papel na resolução dos seus problemas, nem se desinteressa da forma como eles são resolvidos — pois orienta as negociações e fiscaliza a execução de acordos — nem se abstém de intervir nos casos em que não foi possível levá-las a bom termo ou a completo entendimento.

Sendo o Corporativismo uma doutrina integral não abandona o empregado ou o operário quando ele se impossibilita de continuar a trabalhar. Enquanto este só interessa ao Capitalismo quando é capaz de produzir, o Corporativismo cuida de igual modo da sua situação tanto quando inapto para prestar serviços profissionais. Daí a instituição da Previdência, completamente natural e o corolário da política social corporativa.

Outros aspectos fundamentais constituem sérias preocupações do Corporativismo português, tais como a habitação e a cultura do trabalhador podendo resumir-se, assim, os objectivos pretendidos e que correspondem, afinal, ao ideal de justiça social preconizado pela doutrina cristã: condições, pelo menos, suficientes para uma vida desafogada e sã para quem trabalha e para as suas famílias; assegurar uma previdência social eficaz para todos os profissionais; e facultar os meios de aperfeiçoamento progressivo dos níveis culturais, físico e intelectual dos trabalhadores.

N.R.

## Correio Desportivo

Entrou no seu 36.º ano de publicação este nosso prezado colega, órgão desportivo do Funchal.

Por tal motivo endereçamos as nossas cordiais saudações ao seu ilustre Director e a quantos trabalham naquele acreditado órgão da Imprensa, com votos de longa vida.

Assinal o "Povo Algarvio"

# O MURO

OS homens passam, azafamados, e não vêem o muro, porque está alto e eles situam o seu interesse ao rés da terra. De longe em longe, alguma criança, — as crianças levantam frequentemente os olhos ao alto — repara no muro. Aponta-o com o dedinho rosado, pergunta o que é e para que serve.

O muro é, então, apenas um muro e não serve para nada. E construiram-no para tanto! Para quê? Cubelo onde

ardesse a almenara? Torre de vigia? Eirado para, à noite, estudar as rotas dos astros, ou ouvir as mandolinas ao luar de Agosto? Mirante para espreitar o mar e saber quando as naus entravam à barra?

Fosse como fosse, ele lá está com as grossas pedras morenas tapetadas de líquenes, a pequena barbacã voltada ao poente, a poterna estreita.

Quando a flor do dia desabrocha no céu matinal, as mairas estendem sobre ele os zaimphs de seda rosada pela luz do oriente e ele se espiritualiza como tinta de água que o pincel depõe na chapa luminosa do céu.

O dia avança e a tinta diluída da manhã doira-a o meio dia sereno, pendurando no muro preciosos quadamecins broslados a sol.

À tarde, no contra-luz do poente, todo ele se levanta austero, com as suas cabelupens de ervas finamente desenhadas à pena.

Pela noite, a primeira estrela finge que vai precipitar-se da altura para lhe poisar em cima e a Lua pára, a conversar com ele, suspensa do céu azul Nattier.

O muro não é só relógio de sol. Serve também de calendário.

Tisnado de verde-sombra, indica o Inverno. Quando muitas avezinhas aí se reúnem, estamos no S. Valentim. As finas ervas, que o coroam, verdejam na Primavera e desbotam ao sol de cada estio. O Outono doira-lhe de modo estranho a cortina do nascente.

Certa figueira brava enraizou-se-lhe nos interstícios das pedras e dá-lhe personalidade. Acolhem-se a ela os pássaros que construíram também os ninhos entre os blocos de pedra. Às tardes, em revoadas, descrevem curvas no céu de gerâneo e voltam depois, a rir, como as crianças, brincando entre os canteiros dos jardins. Visitam-se, de ninho para ninho, combinando as voltas do amanhecer e, quando o sol voou na traira do poente, chilreiam a oração da tarde

num coro que pouco a pouco vai smorzando.

O muro conhece tudo e todos. Porque viu o passado, tem experiência da vida e conta-nos que não a temos, pelo medo idiota da perder. A experiência é como comprar bilhetes depois de ter andado à roda. Chega no momento em que já não merece a pena.

Quem pode voltar ao passado?

Outras vezes, o muro torna-se romântico e pensativo. Se adrega de arranjar ouvintes diz versos, seus e nossos conhecidos:

«Num mirante que a hera revestia, passei a minha moridade à espera...», «Seguiu a nau navegando / sem rumo, a bom navegar; / levava em si a tristeza, / atrás deixava o pesar...»

Outras vezes, ainda se vê a gente triste, o muro faz-se baixinho para que o alcancem e logo que se sobe levanta-se como o dromedário e mostra-nos a pequenês das coisas a distância. Para quê tanta amargura? Basta um pouco de afastamento para o homem se tornar tamanino que no seu coração não pode caber mais que uma gotícula de mágua. Pezares, aflições, saudades, tudo misérias humanas que a mão do tempo apaga sem esforço.

Ele mesmo, colosso entre os edifícios adjacentes, vai deixando cair, uma a uma, as pedras, enquanto o capricho tonro de algum progressista, convencido de que o muro não serve para nada, resolve demolir o mostrenço, que foi púlpito dos sermões dos passarinhos e torre adonde os pobres podiam encher a alma de céu e de luz.

M. G.

## PRÉDIO

Vende-se na Rua 9 de Abril n.º 43, com esquina para a nova rua, em Tavira.

Trata José Augusto dos Reis J.º em Cacula.

## Câmara Municipal de Tavira

### ANÚNCIO

FAZ-SE PÚBLICO que, no dia 22 de Janeiro de 1962, pelas 15 horas, na sala das reuniões da Câmara Municipal e perante a mesma, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada da obra de ARRUAMENTOS DA HORTA D'EL REI EM TAVIRA.

Base de licitação . . . 279.452\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de 6.986\$00 à ordem do Presidente da Câmara Municipal de Tavira.

As propostas acompanhadas dos documentos devidos são enviadas pelo correio, em carta registada e lacrada, dirigidas ao Presidente da Câmara Municipal de Tavira, de modo a serem recebidas até à hora anunciada para a realização do concurso.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto, estão patentes na Direcção de Urbanização de Faro e nesta Câmara Municipal, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Tavira, 28 de Dezembro de 1961

O Presidente da Câmara Municipal

Dr. Jorge Augusto Correia

## O Bispo do Algarve

visitou Tavira

Continuação da 1.ª Página

no templo abençoando os fiéis que se ajoelhavam, enquanto o grupo coral, sob a hábil regência do Dr. Acácio Ramos, cantou um solene Ecce Sacerdos. Tendo feito a visita ao altar do Santíssimo, dirigiu-se à Capela Mor, acompanhado de todas as entidades que aí tomaram os seus lugares.

Já paramentado, de báculo e mitra, tomou a palavra saudando os fiéis e explicando-lhes o sentido da Visita Pastoral. Falou depois da grande Mensagem do Natal, tão necessária na hora presente: — Glória a Deus... e Paz na terra aos homens de boa vontade.

Sua Ex.ª Rev.ª celebrou depois o Santo Sacrifício da Missa ao qual se associaram todos os presentes, tendo ao Lavabo servido as lavandas os srs. Presidentes da Câmara Municipal e da União Nacional.

Por volta das 13 horas o Venerando Prelado, acompanhado dos srs. Deputado Dr. Jorge Correia, Aldomiro de Sousa, Presidente da U. N., Engenheiro Rodrigues, Director da Escola Técnica, Dr. Gonçalo Pessanha, Subdelegado de Saúde, Professor José Joaquim Gonçalves, Delegado Escolar, Rev. Prior Jacinto Rosa, Frei Estevão, Domiciano, Padre José Simões e Irmão Joaquim França, dirigiram-se à residência paroquial, onde lhes foi servido o almoço. Tomaram a palavra para brindar o nosso Rev. Pároco e o sr. D. Francisco Rendeiro, que muito se congratularam por tão edificante intimidade.

Às 15 horas, na igreja de Santa Maria foi administrado o Santo Crisma, tendo o sr. Bispo, antes e depois, explicado o sentido e deveres inerentes a este sacramento.

Como não foi possível a visita ritual ao cemitério pois o dia estava bastante chuvoso, fizeram-se no templo sufrágios pelas almas do Purgatório, especialmente pela dos nossos soldados que tombaram na Índia, em defesa da Pátria.

Após o solene Te Deum, presidido por S. Ex.ª Rev.ª que fez seguidamente a visita canónica aos altares e demais divisões da Igreja, todo o povo se dirigiu à Capela Mor para beijar o anel, despedindo-se assim do seu Prelado.

Cerca das 19 horas, o sr. D.

## Por terras do Algarve

Continuação da 1.ª página

ciais, lá vai com muito interesse, rebuscando nas bibliotecas e museus algo que se prenda com as mais remotas eras da história algarbiense.

Não nos propuzemos nesta local enumerar os seus preciosos trabalhos já publicados nem sequer apresentá-lo aos nossos leitores que já o têm apreciado através dos seus escritos, mas sim mais uma vez felicitá-lo por mais este estudo interessante que vai iniciar nas nossas colunas e que, como é habitual, não lhe faltarão leitores e apreciadores.

## Leilão de Penhores Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência

Casa de Crédito Popular

No dia 24 de Fevereiro próximo futuro pelas 14 horas, proceder-se-á na Agência da Casa de Crédito Popular, em Tavira, ao leilão de penhores, nomeadamente dos existentes na Agência, cujos contratos tenham um atraso superior a três meses no pagamento de juros.

## Trespasa-se Barato

Por motivo de retirada, uma casa de pasto, no sítio de Amaro Gonçalves, facilita-se pagamento.

Quem pretender dirija-se a Maria Fernanda da Conceição Ribeiro Beato, no referido local.

Francisco Rendeiro deixou Tavira, tendo sido acompanhado pelas Ex.ªs Autoridades e fiéis, em cortejo de automóveis até ao limite do concelho, apesar da chuva abundante.

Ao ratirar-se para Faro o ilustre visitante, como já o havia feito na Matriz do Castelo, agradeceu reconhecido às entidades presentes a maneira afável e hospitaleira como foi recebido na cidade de tão belas tradições religiosas.

Como preparação para esta visita, houve tríduo de pregação a cargo do Rev. Padre José Guerreiro Simões, Orador da Diocese de Beja.

Tavira recebendo condignamente o seu Prelado, como era de esperar, mostrou mais uma vez os seus nobres e nunca desmentidos sentimentos.

## Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Leonor Falcão Bastos Pinto, D. Maria Pereira, D. Júlia Elvas Duarte de Matos, meninos António José Laranjo Correia António Joaquim Mendes Milharó e sr. António de Torres Martins.

Em 8 — D. Maria Olga dos Reis Silva, meninas Maria Susana Miguel Soares, Benedita Faustina e os srs. Tília Vicente Correia Matos e Luis Rodrigues Coelho.

Em 9 — D. Odete Marília Peres Campos, D. Maria Julieta das Santos e a menina Maria Rita Trigo-so Torres.

Em 10 — D. Eulália Augusta Reis, D. Maria Helena Correia Palmeira, D. Virgínia Graça, meninas Maria Celeste Castanho Soares, Maria Clotilde Duarte Correia, Maria Idalina do Nascimento, D. Olívia Alvares de Sousa e os srs. Dr. Arnaut Pombeiro e José Agostinho Junior.

Em 11, Menino Luis Filipe Romeira Canseira e os srs. João Higino Gonçalves de Campos e Júlio Bemposta Junior.

Em 12 — D. Maria João dos Santos Correia e o menino João Marques de Campos.

Em 13 — D. Maria Laura d'Abreu Fernandes, D. Lidia de Fátima Valente Padinha Rosado, D. Maria Luísa da Trindade Franco, D. Etelvina Pereira do Nascimento Trindade Marinheiro e os srs. José Nicolau da Palma e Raul António Peres.

Partidas e Chegadas

Regressaram a esta cidade, vindos do Porto, onde foram passaro Natal e Ano Novo, na companhia de sua família o sr. Paulo Gonçalves Raimundo, funcionário público aposentado, com sua esposa e sogra.

— Encontram-se nesta cidade, as sr.ªs D. Ermelinda Bernardo Raimundo Horta e D. Josélla Bernardo Raimundo Martins da Costa, que vieram acompanhar seus pais, que regressaram do Porto.

— Na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente apresenta as despedidas às pessoas amigas, o sr. Augusto Gaspar, chefe da P.V.T. em Coimbra.

— Com sua esposa e filhos esteve nesta cidade passando a quadra festiva o sr. Eng.º Julio Eduardo Barreiros dos Reis, nosso assinante na capital.

— Com sua esposa esteve no Algarve onde veio passar o Natal com sua família, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Joaquim Humberto Gonçalves Palmeira, professor do ensino secundário.

— Esteve nesta cidade, tendo tido a gentileza de nos vir apresentar cumprimentos de boas festas, o nosso prezado conterrâneo sr. José João Santos Dóres, residente em Lisboa

Casamento

No passado dia 31 de Dezembro realizou-se nesta cidade, o casamento civil da sr.ª D. Maria Manuela Simão, natural de Tavira, gentil filha da sr.ª D. Isabel Maria de Almeida Simão e do sr. José Simão, 1.º cabo da Guarda Fiscal, com o sr. Francisco Tente Saraiva, natural de Gouveia e residente em Luanda, filho da sr.ª D. Catarina dos Anjos Tente e do sr. David Marques Saraiva.

Apadrinharam o acto a sr.ª D. Maria da Encarnação Araújo Nolasco e o sr. Joaquim Jerónimo de Almeida, tio da noiva.

Necrologia

Joaquim Vinhas Cabrita

Vítima duma lamentável ocorrência faleceu o sr. Joaquim Vinhas Cabrita, natural de Albufeira, importante proprietário e Administrador do Banco Português do Atlântico, que contava 60 anos de idade.

Era grande amigo do Algarve onde estava a construir os hotéis de Albufeira e da Praia da Rocha.

Na tragédia resultou ficar em estado grave sua esposa, sr.ª D. Maria das Mercês Quaresma Sotto Maior Vinhas Cabrita.

A família enlutada endereçamos sentidos pêsames.

## Agradecimento

A família de António Aurélio Laranjo não tendo podido, por falta de elementos, agradecer directamente a todas as pessoas que se dignaram comparecer no respectivo funeral, vem fazê-lo por este meio, manifestando a todos o seu profundo reconhecimento e bem assim áqueles que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

## Café em Tavira

Arrenda-se, trespasa-se ou precisa-se sócio gerente. Nesta Redacção se informa.

## Boas Festas

ao «Povo Algarvio»

Dignaram-se endereçar cumprimentos de Boas Festas e votos de prosperidades no Ano Novo ao nosso jornal e ao seu Director, as seguintes entidades oficiais, firmas comerciais e pessoas, cujos nomes a seguir transcrevemos a e quem gostosamente agradecemos e retribuimos no mais expressivo testemunho de gratidão.

A Robbialac Portuguesa, Lisboa; D. Maria Pereira, Lisboa; Gerencias do Hotel Miraparque e Lis Hotel, Lisboa; Rafael Burguete, Lisboa; Nacional Radio Lda, Lisboa; Empresa de Viação Algarve Lda, Faro; Sebastião José da Luz, Tavira; Administração da Cies, Lisboa; Nora Organização de Rádio S. A. R. L. Lisboa; António Pereira da Silva, Inspector da Companhia de Seguros Fidelidade, Lisboa; Comandante e Corporação da Polícia de Segurança Pública, Faro; Mário dos Santos Ervilha, Representante do Valentim de Carvalho, Lisboa; Fernando Ventura, Almada; Companhia de Seguros Mutualidade, Lisboa; Capitão Manuel Benjamim Rodrigues Coelho, Lisboa; Jacinto Venilo Costa Pires, Leiria; Joaquim Arcanjo Duarte, Angola; Evaristo de Melo Pimentel, Lisboa; Paulo Gonçalves Raimundo, Tavira; José Anastácio Brás, Alemanha Ocidental; Luís Botelho Motta, Ponta Delgada; José Germano Pedro Lopes, Covilhã; Fotografa Novarte, Lisboa; Simão Guerreiro, Filhos Lda, Hotel Mundial, Lisboa; Direcção da Casa dos Rapazes, Faro; Francisco de Assis Leiria, Tavira; Dr. Carlos da Costa Picoito Faro Papelaria Farracha, Olhão; J. B. Corsino Lda, Venda Nova Amadora; Direcção do Grémio das Indust. Panificação, Faro; Direcção da Fundação Nacional para a alegria no Trabalho, Lisboa; D. Emilia Gomes Rebelo e José Augusto Rebelo, Tavira; Olavo Cruz, Limitada, Lisboa; Raul Carvalho Dias, Tavira; Empresa de Cimentos de Macieira, Lda, Lisboa; Philips Portuguesa, Lisboa; Amadeu C. Coutinho, Representante de Valentim de Carvalho, Lda, Lisboa; Casimiro Eduardo dos Santos, Lisboa, Arlindo Vicente do Carmo, Tavira; Carlos da Piedade Vieira, Faro; José João Santos Dóres, Lisboa; Jornalista Luis Sebastião Peres, Lisboa; Jornalista Julião Quintinha, Lisboa; Administração Amoniac Portuguesa, Lisboa; Henrique Bernardo Ramos, Faro; Hotel Miraparque, Lisboa; D. Felicidade Godinho Vaz Silva Matos e Flávio Alexandre da Silva Matos, Lisboa; Moisés Pereira Rodrigues, Passos de Figueira; António dos Reis Costa, Lisboa; Livros do Brasil, Lda, Lisboa; João Damasceno Covão,

## Aguarela Portuguesa

danças e cantares de Portugal

O «Show» de Amâncio Daryo «Aguarela Portuguesa» Danças e cantares de Portugal, no qual colaboram como director artístico, locotor e secretário, Joaquim Rasquillo Vieira, o técnico de gravação, Ferreira da Silva, D. Lidia Telles, tesoureiro, o acordeonista Carlos Areias; e os guitarristas Silvério de Sousa e José de Sousa; e os artistas Zelinda Isabel; José Viana-Vianinha; Maria do Pilar; António Norte; Maria Dilar' Renato Marques; Lisa Maria e os bailarinos Glória e Mário Santiago, acaba de efectuar uma série de espectáculos a favor do Movimento Nacional Feminino para a campanha. O Natal do Soldado e suas Famílias. Estes espectáculos que, tiveram o apoio das entidades respectivas, efectuaram-se na Casa do Povo de Azeitão; Cine-Teatro Harmonia de Santiago do Cacem; Cinema Alvalade do Sado; Cine-Teatro de Portimão; Cine Ferreirense, de Ferreira do Alentejo; Eridel Cinema de Eridel; Cine-Teatro João de Deus, de São Bartolomeu de Missines; Cinema de Alcantarilha; Cine-Teatro de S. Brás de Alportel; Cine Alvor, de Alvor; Teatro António Pinheiro, de Tavira; Salão Monchique, de Monchique; Cine-Teatro Silvesense, de Silves; Casa do Povo de Sabóia; Cinema de Armação de Pêra; Soc. Rec. Irmãos Unidos, Mexilhoeira; Cine Padernense de Paderne; Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila do Bispo; Clube Recreativo Infante de Sagres, Sagres; Cinema Pax, de Albofeira; Soc. Rec. da Quarteira e Casino da Praia da Rocha.

O sr. Amândio Daryo e D. Lidia Teles entregarão à Comissão Central do Movimento Nacional Feminino o relatório e as contas e as gravações das mensagens de saudades das famílias para os militares em serviço no Ultramar.

Dado o êxito alcançado, é muito possível que num futuro muito próximo, tornaremos a ver o simpático espectáculo novamente, pois é vontade dos seus artistas actuarem novamente nas nossas casas de espectáculos.

## FORD-ANGLIA

Série 15, bom estado mecânica, vende-se por motivo de retirada.

Trata Café América.

Gerente da Robbialac Portuguesa, Lisboa; José Maximiano Correia, Lisboa; Dr. Luis Augusto Nest Arnaut Pombeiro, Lisboa; João Abreu, Lisboa; Liberto Conceição, Lisboa.

## Câmara Municipal de Tavira

### ANÚNCIO

FAZ-SE PÚBLICO que, no dia 22 de Janeiro de 1962, pelas 15 horas, na sala das reuniões da Câmara Municipal e perante a mesma, se procederá ao concurso público para a arrematação da empreitada da obra de "CONSTRUÇÃO DA REDE DE DISTRIBUIÇÃO DE AGUA E REDE DE ESGOTOS DOMÉSTICOS E FLUVIAIS NA HORTA DE D'EL REI, EM TAVIRA".

Base de licitação . . . 222.400\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de 5.700\$00 à ordem do Presidente da Câmara Municipal de Tavira.

As propostas acompanhadas dos documentos devidos são enviadas pelo correio, em carta registada e lacrada, dirigidas ao Presidente da Câmara Municipal de Tavira, de modo a serem recebidas até à hora anunciada para a realização do concurso.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto, estão patentes na Direcção de Urbanização de Faro e nesta Câmara Municipal, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Tavira, 28 de Dezembro de 1961

O Presidente da Câmara Municipal,

Dr. Jorge Augusto Correia

# J. A. PACHECO

## TAVIRA

### Fábricas de moagem de farinha esportiva e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

# J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

## Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus Sítios

Duas palavras justificativas

É muito frequente perguntarem-nos qual a origem de vários topónimos do concelho de Olhão, alguns deles únicos no País, e sobre os quais têm corrido as versões mais fantasiosas.

Já por mais de uma vez expusemos a nossa modesta opinião sobre a matéria em artigos publicados, respectivamente, no suplemento literário «Letras e Artes»<sup>(1)</sup> do diário «Novidades» e no semanário «Correio do Sul»<sup>(2)</sup>.

Voltando de novo ao assunto e dando, portanto, satisfação a essa curiosidade cultural, queremos não só contribuir com mais uma achega sobre a origem e evolução desses topónimos, como também, dar uma ideia mais concreta sobre a antiguidade de algumas freguesias e até dos seus templos paroquiais.

Lisboa, Dezembro de 1961

J. Fernandes Mascarenhas

### INTRODUÇÃO

Pechão, Quelfes e Moncarapacho são de origem muito antiga, mais remota mesmo do que à primeira vista se pode supor.

Outrossim já se pode dizer da antiguidade de Pechão e Quelfes como freguesias, apesar de Antigas, sem dúvida, a sua fundação não vai além do século XVII. A de Quelfes foi desanexada da de S. Pedro de Faro aí por 1614<sup>(3)</sup> e a de Pechão que já existia em 1680, conforme documento que encontramos<sup>(4)</sup>, separou-se definitivamente da de Quelfes, a que pertenceu até 1695<sup>(5)</sup>. Provavelmente já freguesia, continuou ligada até essa data a Quelfes por quaisquer obrigações. Pena é que a falta de documentos, motivada em grande parte pelas devastações sofridas no arquivo de Pechão, em 1833, pelas guerrilhas,<sup>(6)</sup> não nos permita entrar em maiores detalhes.

Quanto a Moncarapacho, sim essa freguesia data de 1471<sup>(7)</sup>, do reinado de D. Afonso V; era mesmo a única freguesia que existia entre Faro e Tavira.

O que porém não oferece qualquer dúvida é que, após a conquista definitiva do Algarve aos mouros, foi atribuída à Ordem de Santiago, que tão importantíssimo papel tinha desempenhado nessa operação militar, o domínio de muitas das terras conquistadas e do padroado das suas respectivas igrejas. E assim vemos, em Fevereiro de 1270, El-Rei D. Afonso III doar o padroado da Igreja de Santiago de Tavira ao Bispo e Cabido da Sé de Silves<sup>(8)</sup> e «em recompensa do qual padroado deu El-Rei à Ordem o padroado da Igreja de Santa Maria de Faro, os seus termos, assim da Igreja feita, como das que se houvessem de fazer»<sup>(9)</sup>. Ora nessa altura ainda não existia a freguesia de S. Pedro de Faro que só foi criada no século XVI, pertencendo, portanto, Pechão e Quelfes à freguesia de Santa Maria dessa então vila do Algarve e à Ordem de Santiago; enquanto que a de Moncarapacho, englobada a princípio na freguesia de Santiago de Tavira, ficava fora da jurisdição dessa Milícia, com excepção de uma parte que pertencia ao termo de Faro.

### BIAS

Com esta designação há dois sítios na freguesia de Moncarapacho, Bias do Norte e Bias do Sul.

Topónimo antiquíssimo, supomo-lo de origem grega e, neste sentido, fizemos uma larga explanação, na altura e que publicámos um estudo identificando o único marco miliário conhecido da estrada romana que ligava Ossónaba a Balsa, encontrado precisamente em Bias do Sul. Semelhante estudo veio inserido no suplemento literário «Letras e Artes», do diário «Novidades»<sup>(10)</sup> o qual, a Deus querer, contamos reuni-lo em volume, com outros nossos trabalhos de arqueologia.

Na esteira de Pinho Leal<sup>(11)</sup>, consideramos também o topónimo Bias como o nome próprio de um homem, se bem que esse autor não indique a sua origem.

Quanto a nós, teria sido «posto possivelmente pela tripulação de algum barco helénico, ou devido a qualquer homem dessa origem que aí habitou»<sup>(12)</sup>, o que aliás não admira, dado que os gregos estiveram no litoral algarvio. A própria epígrafa assinala alguns nomes e cognomes dessa origem<sup>(13)</sup>. Além do mais o nome era vulgar entre os gregos. Bias foi, por exemplo, um dos sete sábios da Grécia, natural de Priene e que teve de emigrar para a Sardenha após a vitória dos persas, como Bias, segundo a mitologia, foi o nome de um filho de Amitaon e de Indoménia<sup>(14)</sup>. Para o próprio porto de Faro entrava-se pela foz do rio de Bias «um dos canais da ria», segundo refere Frei João de S. José na *Corografia do Reyno do Algarve*, escrita no ano de 1577.

«Tem Faro, diz o culto frade agostinho, bom porto e seguro/ a que se entra polla foz do Rio Bias, que/ está afastado do cidadão/ quasi huã légua/ e mea, e este rio he de água salgado, e tem duas bocas; por esta q he a maior/ entraõ nauios de 130 e 200 toneladas; e polla outra menos principal carauel — / las e outros bayxeis desta sorte»<sup>(15)</sup>.

É um pormenor sem dúvida curioso, que mais vem reforçar a nossa opinião.

### BRANCANES

É um sítio da freguesia de Quelfes, junto à vila de Olhão e como que a abraça-la por todos os lados.

Este topónimo teria resultado da aglutinação do nome *Branca Eanes* ou *Anes*, senhora certamente notável, talvez pela sua riqueza, caridade ou qualques outro motivo, que aí viveu em eras recuadas. Aliás tal facto não nos surpreende, se nos lembrarmos que os *Eanes* ou *Anes* era uma família bastante numerosa na área do concelho de Olhão, particularmente nas freguesias de Moncarapacho e Quelfes, e até junto da própria vila.

### FUSETA

Os elementos sobre o passado desta importante e pitoresca terra piscatória do concelho de Olhão não abundam, até quase ao momento em que ficou a constituir uma coadjutoria anexa

(Continua)

As notas, como é costume, serão publicadas no fim.

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

## O 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica

será um invulgar sucesso

EMBORA seja a primeira vez na nossa Província se organiza um certame desta natureza, o 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica, em grance parte graças ao apoio que imprensa regional lhe deu desde a primeira hora, será dentro em breve, um agradável realidade e será um sucesso invulgar em certames deste género.

Diariamente estão a chegar a Faro muitos trabalhos, não só do nosso País e sobre temas algarvios, mas até do estrangeiro.

A propósito dos trabalhos de artistas estrangeiros, o Círculo Cultural do Algarve faz notar que eles serão apresentados Extra-Concurso e única e exclusivamente com um fim cultural, pois os temas do 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica são exclusivamente sobre motivos algarvios. Por conseguinte, esses trabalhos dos grandes mestres estrangeiros da fotografia não concorrem os trabalhos apresentados pelos nossos amadores, nem disputam os prémios oficiais do certame. Não há pois qualquer motivo para que os nossos amadores deixem de apresentar os seus trabalhos ao 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica.

Como já é do conhecimento de todos, o prazo para entrega dos trabalhos termina impreterivelmente no próximo dia 15 de Janeiro.

## Recenseamento Militar

Pelo Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4 foram enviados às Câmaras de todos os concelhos do Distrito de Faro, para afixação nas freguesias os Editais do Ministério do Exército com instruções para o recenseamento militar no ano de 1962, em tudo iguais aos afixados no ano findo.

Julga-se conveniente salientar no mesmo Edital, o seguinte:

Todos os mancebos que completam 20 anos de idade no ano de 1962 e bem assim os que não tendo ainda ultrapassado a idade de 45 anos, não hajam sido incluídos em recenseamento anteriores, são obrigados a fazer a respectiva declaração, durante o mês de Janeiro, na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho onde residirem.

Os mesmos indivíduos que residam há mais de um ano em concelho que não seja o da sua naturalidade (excepto os internados em reformatórios ou colónias correcionais), podem requerer para serem inscritos no mapa de recenseamento respeitante ao Concelho da sua residência.

O requerimento a que devem juntar o atestado de residência (passado pela Junta de Freguesia nos termos do código Administrativo) e a certidão de nascimento narrativa (que pode ser substituída, para efeito de prova, pela apresentação do bilhete de entidade), será dirigido ao Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e entregue durante o mês de Janeiro.

## Arabescos Literários (8)

# STUART

STUART surgiu agora, póstumo, nas montras das livrarias, num álbum que fica a atestar a sua mensagem de «crayon» aos vindouros.

Vem mais manchado de negro o seu lápis, como se a tinta das rotativas carregasse dum luto mais espesso a sua perda e a nossa saudade.

Tive sempre pelo grande artista a admiração que merecem os raros artistas (de hoje) honestos na sua arte, capazes de nos darem «águas fortes» com um simples papel e um lápis, vincando apontamentos, em que a figura transcende do vigoroso da mancha encarvoada do desenho para a sugestão do humano imo luminoso, como a noite ao retornar-se dia.

Stuart, era um José Duro autêntico no desenho — um Fouriner na expressão. Para ele, o negro era a cor ideal, com que enroupava as suas figuras e as ambientava. O branco era a luz, o contraste do luto pesado, o «ecran», em que projectava os seus trabalhos vividos, sofredores, alegres, ou humildes disfarçados numa pitada de humor.

Porque desenhava com perfeição, por isso, atraía, de verdes anos, a minha emoção estética — a minha sensibilidade. Por isso, — dizia — aqui estou a desenhar, na mesma tinta, gémea das suas «manchas de oiro», o seu elogio de grande artista, que apenas conhecia da colaboração figurada e dispersa pelas páginas dos jornais e dos magazines.

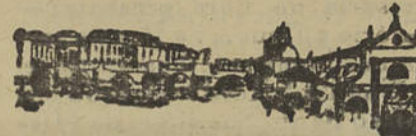
Mais do que Amarelhe, nas suas caricaturas teatrais e elípticas, Stuart foi um desenhador sóbrio, mal ambientado, expressivo no traço, vivo no conceito.

Para além do luto sofredor, as suas legendas eram um sublinhar da figura, desafiando o riso de muitos, à medida que convidava a meditação dos outros... Porque o artista não era a legenda, era o desenho, ou talvez — melhor — um riso amargo, como um cálice de absinto, em que se misturavam, num «cacharolete», a graça e a desgraça.

Quantas vezes o comparei a Buffet, embora o francês fosse mais pálido e menos robusto na feição das suas figuras; mais anémico nos ambientes e, até, mais escolar no desenho, transviado pela influência das correntes que agridhoaram a Arte, de há anos a esta parte, transfigurando os artistas.

Stuart, porém, resistiu ao assédio dos «sem arte», viveu a sua personalidade, sem figurinos a influenciá-la. Onde Stuart encontrou um irmão-pintor, foi em Millet. Nesse Millet, que viveu e morreu à sua maneira, amando a sua arte e fazendo dela a tuba com que cantou o esforço, a dor e a angústia, desde «O Semeador», a «As Respigadoras»; desde «O Joeirador», a «O Carregador de Lenha», em gritos vigorosos, pincelando no sentido exterior todo o volume terno ou musculoso das suas figuras, como se o coração fosse a paleta, a dar-se em tintas de sangue ao generoso da Arte.

Houve em Millet e Stuart qualquer coisa de comum — os olhos com que viam a vida e interpretavam o romance da gente da rua, dos campos e da fábrica — a Vida esforçada e



## Pela Cidade

Misericórdia de Tavira — Serviços clínicos durante o mês de Janeiro:

Enfermarias — Drs. Jorge Correia e Ramos Passos.

Consulta externa — De 1 a 15, Dr. Jorge Correia, às 8 horas; de 16 a 31, Dr. Ramos Passos, às 17 horas.

Consulta Dispensário do I. A.N.T. — De 1 a 15, Dr. Ramos Passos, às 15 horas; de 16 a 31, Dr. Jorge Correia às 8 horas.

Cirurgia geral — Consulta em 20 p.los Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Profilaxia mental — Consulta em 27 pelo Dr. Manuel da Silva, às 17 horas.

Oftalmologia — Consulta em 14 pelo Dr. Artur May Viana, às 9 horas.

dolorosa, dos que pagam em músculos a vida que vivem.

Humaníssimo no desenhar, piedoso no conceber dos gatos lazarentos, das varinas, dos mendigos, das romarias e das bacantes de pernas bem feitas e caracol à Carmen; ridente no desenhar desses trechos de Lisboa com a roupa ao sol, que Roque Gameiro aristocraticamente aguarelou, risonha e solarenga; desde a mulher de compra e venda, ao mendigo, «inspector dos caixotes de lixo», vestiu-os ele com o mesmo véu de lápis, triste como uma oração — como uma prece fervoros.

Editado na poesia desse álbum, pela mão de Nelson de Barros, Stuart fica nos escapatares como um poeta, cujas rimas tristes — à imagem de António Nobre ou de José Duro, hão-de cantar a sua arte e a sua morte, à maneira desses troncos de árvores, feridos pelo fio da navalha no desenhar dulcíssimo dum coração, em que a jura de amor se entrelaça no monograma de duas iniciais, abraçadas, reverdecendo em cada primavera renascida «uma essência de Paolo e Francesca, de Dante e Beatriz — imortais.

Stuart, foi como um cedro imenso, alongando o triste e penumbroso das suas pernas, como um manto de carinho para com os humildes, como ele.

Mais: Stuart foi o «crayon» que lutara até à rendição, na planície desolada da vida, nessa batalha imensa de luz e sombras; até ao seu «Ad Gloriam».

## Emílio Campos Coroa

Médico especialista

### Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Monte dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

## ROMEIRA

Todos os fios de lã para tricot

encontra V. Ex.º aos melhores preços do mercado no depósito da fábrica MEIAS DE NYLON Preços de Fábrica

FABRICA:

ALENQUER  
Telefone 15

DEPÓSITO:

Rua dos Fanqueiros, 96, 1.º-Dt.º  
Telefone 21693 — LISBOA

Enviamos amostras — Fazemos remessas pelo correio